

O Encantado

dentre outros

BOZO

CONTOS

Sumário

| | |
|-----------------------------------|-----------|
| Travessia Do Igarapé | 3 |
| Caipora | 5 |
| Cavaleiro Monge | 8 |
| Laryssa..... | 11 |
| O Encantado | 14 |
| Madame Zoraide | 16 |
| Pássaro Raro..... | 19 |
| Um Anjo..... | 23 |

Travessia do igarapé

Certo dia, estava andando pela rua e dei-me comigo, esperando o canoeiro para fazer a travessia do igarapé, lugar de certa secura e de sol no fim da tarde vermelho, a piçarra ofuscava sempre minha visão do mundo de cá. Estava eu a esperar quando o transporte chegou. O piloto logo falou:

- Arriba, viajante! Subi como sempre, sem pestanejar, no entanto dei-me a perguntar:

- Qual é a história? O senhor esbugalhou os olhos e disse:

-Vou lhe contar: - A Dona Jaci, sabe seu moço, estava a limpar sua casa quando o velho seu esposo deu-se a descansar na rede, deixando a chave do baú de bobeira; -seu moço- disse o canoeiro, com uma voz assombrada. O que me fez logo perguntar:

- O que foi homem? Conte-me!

O senhor remava sem presa, continuando a contar:

- Aquela chave, seu moço, guardava o segredo do velho, que sua senhora num tinha sabido. Era o segredo, “o que o deixava vivo”, era apenas o que dizia quando o interrogavam sobre sua chave presa no estribilho da calça. Ela sabe, seu, agoniava-se para descobrir esse segredo. Até esse dia, quando deu-se de frente com a oportunidade, pegou a chave e abriu o baú velho de seu velho e viu que lá dentro tinha uma garrafinha com um bonequinho do dito, era pretinho, com os olhos vermelhos, pés de bode, corpo de gente e laço vermelho no pescoço.

Nesse momento, subiu-me um calafrio, pelo modo sussurrante como contava, o que me fez dizer:

-Tá me botando medo! E o piloto disse sorrindo para o lado:

-Não, ouça foi a pouco tempo. Olhe, essa senhora pegou a garrafa e destampou, quando o dito pulou de dentro, assumindo forma grande e com um sorrisinho, exclamava: -“Saí! Consegui, saí!” Já com forma maior, ia pulando a janela para ganhar o mundo quando a Jaci num repente chamou-o: - “Vem, cá. Vem, cá, logo. Onde tu pensas que tu vais? Volta para dentro logo”. Senhor viajante, sabe que o dito parou e voltou-se para ela dizendo: - “Num volto. Saí e num volto”. Quando ela respondeu: - “Trata de voltar! Eu que te liberei. - Bora, volta! Quero ver se és homem mesmo”. Ele, senhor, ficou com os olhos em brasas e disse; -“Num volto”! Ela então, com tom de autoridade, disse-lhe: - “Volta, se não...” O que fez ele parar, com seu sorrisinho fino e gaguejante, dizendo: - “Volto mesmo”. Ela respondeu: - “Volta então quero ver”! Então foi que ele diminuiu-se e pluft dentro da garrafinha de cachaça. A Dona Jaci colocou a rolha, botou a garrafinha de volta e fechou o baú e continuou a varrer a casa.

- Meu Deus! Disse o viajante logo que terminou o trajeto. Chegávamos ao destino. Então o canoeiro exclamou:

- Sabe viajante. A desgraça que esse porco vai viver eternamente e sua condição.

Caipora

Certo dia, estava numa comunidade à margem da estrada, localizada no alto da Serra. Onde tinha uma árvore, na foz do rio Curuá-uma,, muito especial que dava um fruto de bastante vigor energético o guaraná, cuja importância inspirou o nome da comunidade, da cidade de Santarém, região tapajônica da Amazônia.. Nesse dia, lia um dos mil contos das mil e uma noites. Quando, na terna chegada do anoitecer, dei-me de sobressalto ao ouvir um assovio vindo da mata. Era um assovio constante, pensei ser o pia da onça ou algo parecido. Subiu-me um calafrio, fiquei ouvindo o assovio que me lembrou a lenda da Matinta-Pereira. Pensava: -“Seria ela que estava a encontrar”?

Logo depois de alguns minutos desse som. Caiu uma névoa e o frio me ateve. Que assombramento tive! O som do assovio não cessou apenas se distanciava em direção do interior da floresta. Meu deus! Disse a mim mesmo, é ela que veio me atormentar, conseguirei vencer esse medo e encontrar essa terrível aparição?

No outro dia, dei a consultar os informantes com os quais aqui já havia feito amizade. Disse para uma jovem menina de nome Jessika; -“que na noite anterior tinha ficado com medo por ter ouvido um assovio mórbido vindo do interior da floresta e que acreditava ser o piar da onça”. Ela me perguntou: -“porque achava ser a onça? Disse-lhe: -” ter ouvido um assovio medonho na noite. Então ela me disse: -”se tratar do Caipora, uma entidade mística da floresta. Logo lhe perguntei: -“ se alguém já o tinha visto? Jessika me respondeu: -“ não! Todos aqui respeitam a floresta e preferem nem imaginar como ele é”.

O Caipora quem seria? O Caipora, meu Deus? Perguntava aos meus botões. Assim, fui para a cidade. Conversando com um rapaz na orla da cidade, coloquei-lhe o caso de ter ouvido uma onça piar, mas que depois vim saber, se tratar do Caipora. E indaguei se sabia algo sobre o dito Caipora se era do bem ou do mal. Ele me respondeu apenas que tinha ouvido falar e disseram-lhe ser um índio velho.

Interessante, seria esse Caipora a representação do Tambá-Tajá e a chamar sua amada Tucuxi que viveram um amor em vida tão sublime que não há metáfora para comparar e nem antítese para se opor.

Quando voltei para a comunidade do Guaraná. Dei-me à reflexão dos fatos, e, tomei a decisão de me “bicorar” dentro dessa enigmática floresta. Assim poderia encontrar esse entidade mística da

Floreta Amazônica. Para isso, preferi não ir só, convidei um senhor. Um antigo caçador, que vivia na taberna da esquina, Chamavam-no de pé-inchado, o que queria dizer que era um peão-cachaceiro, não era um caboclo da região. Era um imigrante nordestino que veio em busca de viver tranquilo na Floresta Amazônica, e veio criança para cá trazido por seus pais, quando da abertura da Transamazônica.

No dia seguinte, adentramos na floresta e começamos a entrar adentrar, entrar, quando chegou a noite, acampamos próximo a um igarapé de águas imensamente geladas de onde se poderia ouvir o som da cobra grande, o que me fazia ficar poucos minutos dentro d'água, cristalina e escura. Dormimos bem à noite. Na manhã, continuamos a adentrar na floresta fechada. Depois, de três dias de mesma rotina, saímos subitamente, para meu espanto, no meio de um enorme clarão, as máquinas estavam paradas, o trator, as motosserras, e os homens faziam sua cesta depois da bóia.

Que coisa! O mateiro tinha me feito andar tanto para me mostrar o motivo de Caipora esta aparecendo por lá. Essa entidade, concluí, é o assobio do aviso da floresta que sofre. O guerreiro Tajá se manifestando, avisando que algo de ruim estava acontecendo naquela região. –“Opa”! Disse ao peão, voltamos sem sermos vistos e durante a caminhada de volta acampamos na margem do igarapé, fizemos uma fogueira para São Pedro por que era seu dia. Estava sentado olhando a fogueira e fumando um Maratá, o Pé-inchado já havia saído da água com a janta, um surubim de uns doze quilos que colocamos para assar em folha de bananeira.

Já contava tarde da noite. Pé-inchado estava dormindo quando comecei a ouvir um assobio que me fez congelar, - Petrifiquei! Não conseguia nem me mover, nem emitir nem um som, era muito próximo. Então, vi uma árvore se materializar em espectro de um índio, que veio em minha direção, sentando na minha frente. Esse índio estava completamente nu e todo pintado como para a guerra, olhou-me avidamente e ergueu uma cuia, cheia de grafias tapajônicas. Não pude recusar. Apanhei a cuia como em reflexo e olhei dentro. Era uma bebida marrom. Olhei nos olhos ternos do índio que me fez beber aquele líquido e devolvi a cuia. Num piscar de olhos ele tinha sumido de minha frente e a árvore voltou a aparecer, caiu a nevoa sobre nós e a fogueira se apagou, comecei a sonhar acordado com o futuro e nesse sonho vi a destruição, a ganância, o fim de um universo de riquezas mil, em virtude da cobiça do que os madeireiros chamam de “ouro da Amazônia”, a madeira. Cai no sono. No outro dia, ao lado das cinzas da madeira estava a cuia com a grafia tapajônica. Peguei-a e guardei, pois estava certo de possuir um significado, uma mensagem encoberta naqueles símbolos.

Na manhã seguinte, falei a Pé-inchado que havia tido um terrível pesadelo e que gostaria de que ele me levasse a algum lugar tranquilo. Ele me respondeu apenas “simbora”, e seguiu a ternos passos, fui seguindo-o logo atrás. Depois de uma longa caminhada. Chegamos à margem de um rio e do outro lado estava aquela linda beleza, a Ilha do Amor, lugar paradisíaco, desabitado com uma linda praia.

Cavaleiro Monge

Numa cidade localizada no interior de Minas Gerais, próxima ao Caminho Real. O pesquisador Pedro do IFNOPAP coletou a seguinte narrativa. Entrevistando os habitantes da região de Palmital do Carvalho. Contavam-lhe que havia uma aparição naquela região e que podia ser vista do alto da Pedra Menina, sempre em noite de luar.

Essa aparição. Descreviam como uma sombra de um cavaleiro, que vaga sem horizontes pelos campos. Pesquisando a natureza desse fenômeno cultura, foi até a biblioteca mais antiga da região no Mosteiro de Miguel. Nessa biblioteca nada encontrou de referencial, mas conversando sobre a aparição que pode ser vista da Pedra Menina. O monge pediu que o acompanhasse em silêncio. Andaram até a porta de uma cela de número 707. O monge abriu a porta e foi entrando, logo em seguida entrou o pesquisador que viu uma cela como todas as outras, com a exceção de que no lugar, destinado ao crucifixo encontrava-se uma sela pendurada. Nesse momento, esse monge começou a contar o que se passara com o último monge que habitará aquela cela.

– Contam no Mosteiro que o último monge que aqui habitara esperava sentado no canto da cela, olhando para o chão, não via nada. Lembrava-se de como tinha chegado àquele cubículo, número 707, onde morava já fazia alguns anos. Cumpria sua rotina diária, acordava cedo, vestia-se e saía para trabalhar. Sua função era cumprir uma rotina muito simples, despachar e dar entrada nas mercadorias do Mosteiro. Terminando seu trabalho. Voltava na mesma passada para sua cela e dormia esperando o dia em que realizaria seu sonho. Certo dia acordou e sentou-se de cócoras em um canto da cela, baixou a cabeça e ficou olhando para o chão. Tinha tomado a decisão de ficar dias sem comer. Nem dormir. Jejuava e pensava. Ficou ali durante horas. Os dias foram passando e nada acontecia. Subitamente sentiu a presença de um cavalo fora do mosteiro. Aquilo o acordou do transe. Tinha uma certeza, aquele cavalo estava ali por sua causa. Algo lhe dizia para descer, montar naquele cavalo e sair, liberto pelos campos em busca de um sonho, quem sabe, há quanto tempo esperava por esse momento. Mas agora era diferente, o sonho tornara-se realidade, tornava-se concreto, um magnífico cavalo estava lá fora a chamá-lo.

Então se levantou depressa, suas pernas bambeavam. Saiu da cela em disparada, temia que alguém pudesse cavalgar naquele animal encantador que estava embaixo de sua janela. Ouvia seu tilintar, era como um chamado. Desceu as escadas em atropelos, tinha que alcançar, tinha que alcançar, dizia a si mesmo. A porta da frente do mosteiro estava trancada, esmurrou-a, foi que num

repente, recobrou a consciência. A chave estava ali, onde sempre ficava, próxima ao aparador pendurado num suporte com a mensagem “Deus te guie”.

Quando o monge abriu a porta o cavalo estava lá, era todo branco. Olhava-o e sem mais emitir nem um soar. Nesse momento o monge sentiu um frio prazeroso dos pés à cabeça. Aproximou-se lentamente do animal, acariciou sua crina, olhava-o com uma admiração pura. Montou e o cavalo começou a cavalgar, passou a trotar chegando a um galope incrível, o vento batia forte em seu rosto. Ele curvou-se e segurou firme na crina do cavalo, para não ir ao chão, como acontecera quando era criança. Correram em direção da Pedra Menina, subindo até seu topo, ele abriu os braços e gritou: – “Voa, Voa! Meu nobre! O cavalo saltou e subitamente abriu asas e voou, voou. Nesse momento, o monge viu luzir um chifre de ouro na frente do cavalo, seu sorriso encheu-se de graça.

Logo depois de ouvir a história contada pelo monge, resolveu tirar a última prova, acamparia em vigília, na Pedra Menina. Foi em caminhada pelos campos até o destino, só que antes de chegar encontrou uma comunidade naturalista. Entrou na comunidade e descobriu que todas aquelas pessoas que ali estavam encontravam-se nas noites de Lua Cheia para louvar uma bebida típica chamada “Ayahuasca” feita de cipó da Amazônia e que tinha efeitos curatórios. Chegou de repente no cair da noite nesta comunidade e foi levado a participar do ritual. No meio do ritual, depois de tomar algumas dozes e cantar algumas músicas. Foi que, recobrando a consciência, lembrou-se do motivo que o levara ali. Portanto, sairá do salão onde todos bailavam e subiu a Pedra Menina, até seu topo, deitou-se e ficou a deslumbrar a Lua. Quando de repente ouviu um galope muito próximo e logo em seguida um exclamar sublime: – “Vóe! Voé! Voé!” Não dando tempo de se levantar, viu a aparição saltando sobre ele em direção ao penhasco, e logo desapareceu na queda. Quando se levantou e olhou, reaparecendo o cavalo branco que abriu as asas e voou em direção ao Vale. Algo brilhou intensamente, ofuscando sua vista. Era o brilho do chifre.

Acontecera tudo como o monge havia lhe contado. Ficou olhando aquele unicórnio montado por um monge que desapareceram no horizonte. Fechou os olhos e quando o abriu estava no meio do salão, o que causou-lhe certo temor e espanto, pois quando no final do ritual perguntou se alguém o tinha visto sair e todos responderiam que não, mas insistia em dizer que havia estado no alvo da Pedra Menina e que tinha visto a aparição que denominaram de Cavaleiro Monge.

Chegando ao IFNOPAPE dirigiu-se para o departamento de registro de narrativas orais. Entregou o material e relatou os fatos de sua pesquisa ao chefe do departamento de narrativas orais que o advertiu, ter sua pesquisa um grau de incerteza muito grande. Portanto, foi orientado a refazer

sua pesquisa. Não poupou tempo, voltou, refazendo o mesmo caminho, todavia agora seria mais simples que da primeira vez, pois já sabia o caminho. Na cidade, foi direto ao mosteiro, onde foi recepcionado por outro monge, não o mesmo da primeira vez, mas que fez o mesmo caminho do anterior, contando-lhe a mesma história. Então, dirigiu-se para a Pedra Menina, porém tomou outro caminho para não passar pela comunidade alternativa. Chegou ao local determinado no topo da Pedra Menina e lá acampou era noite de Luar e o céu estava limpo, tudo lhe parecia propício, porém a Lua se pôs, o sol nasceu e nada aconteceu, concluindo ter sido vítima de uma ilusão provocada pela substância que havia ingerido durante o ritual e que realmente a aparição não existia, tratando-se de uma fantasia introduzida no imaginário popular.

Laryssa

Eduardo era dono da sorveteria mais bem frequentada da cidade, situada no centro histórico, tinha uma peculiaridade comparada às outras sorveterias do Brasil. Os sorvetes consumidos eram de frutas típicas da Amazônia, como cupuaçu, bacuri, tucumã, açaí, dentre outras. Laryssa era responsável em gerenciar o estabelecimento, visto que o dono viajava muito.

Na semana antes do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, uma das maiores festas religiosas do Brasil. Eduardo tinha acabado de chegar de viagem e foi conversar com Laryssa, que lhe informou dos negócios e alertou-o da situação dos últimos meses, que não tinham sido muito lucrativos e esperava compensar no período do Círio, quando milhares de romeiros vindos de todos os lugares do mundo veem agradecer à Nossa Senhora de Nazaré as graças alcançadas.

No final do expediente, Laryssa escutou uns clientes comentarem que seria bom se pudessem comer pizza e tomar sorvete no mesmo lugar. Isso gerou uma ideia para a gerente da sorveteria. No dia seguinte, contou para seu chefe sobre sua ideia. Foi o momento em que ela começou a conhecer melhor Eduardo. Durante esse período os dois aproximaram-se e começaram uma paixão. Laryssa tinha uma amiga e confidente, Mônica, a quem revelava todos os acontecimentos de sua relação com Eduardo. Contava-lhe tudo, como gozavam a vida de forma alegre e amorosa e que estavam planejando casar tão logo terminasse o Círio.

No domingo do Círio, na casa de Eduardo, em meios a pratos exóticos como pato-no-tucupi, maniçoba e tacacá, que Mônica foi apresentada por Laryssa a Eduardo, formando um círculo de bate-papo que duraria todo o almoço. Logo após, a Santa chegar à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, sentaram-se para almoçar e depois Eduardo ausentou-se para a sesta. Nesse momento, ficaram as duas a conversar na sala de estar, Laryssa estava ansiosa para contar as novidades à Mônica. Disse ela:

- Amiga, você nem sabe! Marcamos a data do casamento. Fomos essa semana falar com Dom Oranir que nos descreveu como será o casamento. Disse ele:

- Primeiramente noto que não se trata de Casamento, mas sim Cerimônia matrimonial e ocorrerá no interior da Igreja de Santo Alexandre, que estará perfumado pelos arranjos de flores e enfeites, com tapetes e laços de fita. Ele receberá os convidados que devem estar vestidos e ornamentados para o evento. Nas primeiras fileiras, estarão os parentes próximos do noivo e da

noiva. Nas seguintes, os amigos, colegas, vizinhos, conhecidos, curiosos. No altar, de um lado, os padrinhos do noivo, e de outro os da noiva.

Nesse momento Mônica interrompeu a amiga perguntando:

- Estarei onde? Esperava ser convidada para madrinha, mas Laryssa não respondeu, pedindo para continuar.

- Ele disse que Eduardo irá esperara no altar, enquanto meu pai ficará na porta da Igreja. Aí, Mônica quando ouvires os primeiros acordes da Marcha Nupcial, dando início a minha cerimônia e entrarei segurando o braço direito de meu pai e atravessarei todo o corredor central, pisando o tapete vermelho sob os olhares dos espectadores que estarão de pé, deslumbrando-se com minha passagem. Chegando ao altar, meu pai me entregará a Eduardo, dando início ao cerimonial. No final trocaremos as alianças e até que a morte nos separe.

Mônica, depois de ouvir Laryssa, ficou sem palavras. Seu olhar de orgulho passou a ser um olhar de inveja. Começou a desejar estar no lugar da amiga, sentiu-se só, sem amiga com quem conversar e sem um amor com quem compartilhar sua solidão. Despediu-se de Laryssa voltando para sua casa.

Já em seu *flat* relembra o que sua amiga tinha falado e imaginava uma forma de terminar com tudo aquilo, não poderia ficar só, não poderia ficar só, dizia a si mesma. Lembrou-se de que a amiga não suportava viver com a suspeita de algo. Nesse seu ponto fraco resolveu atacar Laryssa.

No decorrer da semana tudo estava indo bem tanto na nova sorveteria que agora possuía uma pizza de jambu que tornou-se prato predileto dos frequentadores do lugar. Seu casamento já estava com data marcada, seu tempo tornou-se dividido entre os ajuste do casamento e o gerenciamento da nova sorveteria que ganhava o gosto do público a cada dia.

No dia em que iria aprovar o vestido de noiva, ligou para Mônica para pedir que a acompanhasse, mas sua amiga negou-se a ir. Teve de ir sozinha. Quando já estava na loja, tocou seu celular, olhou o número e não o reconheceu, pensou em quem poderia ser. Atendeu e uma voz que não se identificou falou que seu noivo a estava traindo naquele exato momento, em sua própria casa. Tomou um susto enorme, tentava ligar para Eduardo, mas seu telefone encontrava-se fora da área de serviço o que a fez ficar muito nervosa. Serviram-lhe água com açúcar, o que não resolveu. Sentia-se mal e saiu da loja, tomando o primeiro táxi com destino a sua casa. O motorista do táxi pegou um

congestionamento e o tempo ia passando e ela cada vez mais nervosa mandava o taxista ir rápido. O pior estava por vir na ânsia de ir rápido, o taxista bateu num ônibus, tendo de parar para esperar a perícia. Laryssa ansiosa, pagou a corrida e tomou outro táxi, demorou cerca de uma hora e meia para chegar.

Nessa noite, eles tinham dormidos juntos. Laryssa abriu a porta de seu *flat* e viu Eduardo sentado no sofá assistindo televisão. Soltou-lhe uma bofetada no meio da cara e gritava:

- Seu safado! Seu safado! Como podes fazer isso comigo? Ele não sabia o que estava acontecendo, perguntou:

- O que houve? -Ela com raiva e gritando, responde:

- Pensas que não sei? Estavas com outra aqui no meu *flat*! Eu sei, eu sei! Tu és um canalha! Nunca mais quero te ver.

E saiu correndo da casa deixando-o atônito sem saber o que fazer. Eduardo sentou-se pensando: “Eu não fiz nada, meu deus eu não fiz nada”.

No outro dia, Eduardo foi procurar Laryssa na casa de seus pais, levando um buquê de rosas vermelhas. Esclareceria aquele mal entendido e salvaria seu casamento. Todavia, foi recebido pela empregada informou ela que Laryssa não estava mais lá, havia saído, o que não era verdade. Eduardo então deu a volta na casa e subiu pela calha até a janela do quarto de Laryssa que ficava no segundo andar. Chegou à janela e viu Laryssa chorando deitada na cama. Entrou pela janela e surpreendeu sua amada que lhe pediu desculpas, dizendo que havia recebido um telefonema anônimo, avisando que ele a estava traindo ainda mais no meu *flat*. Ele sentou-se na beira da cama e explicou que nada havia acontecido, durante sua saída ficou vendo televisão, até sua chegada naquele estado e não compreendeu o que havia acontecido para estar daquele jeito, jurou-lhe não ter estado com ninguém na sua ausência e que amava-a eternamente.

Laryssa retomou a sua vida diária saiu do gerenciamento da sorveteria e pizzaria para trabalhar num fast-food. Passaram-se muitos anos sem ela ver Mônica nem Eduardo. Quando certo dia folheando o jornal viu a foto de ambos juntos, embaixo a seguinte legenda: Os recém-casados e novos integrantes da sociedade viajam essa semana para lua de mel em Portugal.

O Encantado

Numa cidade localizada na região Norte do Brasil existe, como contam os habitantes do lugar, uma aparição que vagueia nas noites pelas ruas. Poucos foram as pessoas que a viram, a contar três, Seu Antônio pescador, Dona Braga beata e a jovem Jéssika estudante. É comum, nessa cidade, o encontro no final da tarde na mercearia de Seu Freitas, onde se escuta de tudo um pouco. Lá o pesquisador do Instituto Federal de Narrativas Orais do Pará - IFNOPA coletou a narrativa desses três habitantes.

O primeiro, Seu Antonio, viu a aparição quando voltava da pescaria. Ele diz não lembrar de muita coisa do acontecido, pois desmaiou logo que sentiu o cheiro da fumaça mal cheirosa que a “coisa”, como chama, soltava e que cobria seu rosto. O pesquisador logo supôs ser a “Matinta”.

Todavia a segunda, Dona Braga, lembra-se do sorriso do “mostro”, que era tão lindo e contagiante, que a fez rir durante dias, ocorrendo de o padre ter de exorcizar Dona Braga -para que ela pudesse parar de rir. Conta não ter visto a fumaça que Seu Antonio havia visto que quase lhe pôs cego, mas sim na escuridão avistou e ouviu aquele belíssimo sorriso. Isso confundiu o pesquisador que supunha ser a “Matita” a aparição, mas com sua experiência de catalogação de três mil contos populares da região amazônica nunca havia lido essa manifestação, fato novo para seu registro.

A terceira pessoa quase morre afogada. A jovem Jéssika, andava a noite de sua casa para a casa de sua avó, levava uns bijus que sua tia havia preparado, quando viu um homem de costas, vestia-se todo de branco e tinha o chapéu branco. O homem caminhava tranquilo e elegante em direção ao rio. A jovem curiosa foi atraída por seus passos até a beira do rio. Conta que nesse momento o viu entrar vagarosamente no rio, depois só se lembra de acordar no hospital. Contam os habitantes que o jovem pescador Marcos havia salvado a jovem da morte, depois de brigar com a criatura embaixo do rio tirando-a dos braços da aparição. Agora, o pesquisador encontrava-se confuso não sabia se tratava de uma mesma aparição ou de várias, porque a semelhança com a narrativa do “boto” era evidente.

Achou o pesquisador de conferir o fato. Colocou-se no mesmo lugar que as três vítimas haviam estados. Depois de três noites sem nada presenciar, no dia dois de novembro, sentiu o cheiro de uma fumaça mal cheirosa, pensou era a pista que procurava. Seguindo o cheiro logo viu a fumaça

e ouviu o sorriso. Pensou “meu deus,” é a “aparição”. Apertou o passo e viu o senhor de branco, quando gritou:

- Ei, aguarde!, Fala minha língua? Quem és tu?

Seguiram-se perguntas uma atrás da outra, no entanto não obteve nem uma resposta.

Resolveu correr antes que a aparição desaparecesse no fundo do rio. Foi quando num repente a figura estava soltando fumaça e sorrindo na sua frente. Na manhã seguinte, foi o primeiro a chegar à mercearia de Seu Freitas, passou a manhã e a tarde bebendo cachaça e alucinando sobre o ocorrido na noite anterior. Tentava lembrar-se do que havia acontecido, logo depois, que a criatura apareceu na sua frente sorrindo. Quando no final da tarde, quando muitos habitantes encontravam-se ao seu redor ouviu a mesma palavra que o fez desmaiar na noite e que o fez gritar:- “ENCANTADO”-, Assustados, os habitantes correram para suas casas, enquanto o pesquisador não parava de gritar. Depois de alguns minutos já sem voz percebeu que estava só.

Seguiu para a capital Belém, no primeiro ônibus, pela manhã, na chegada foi direto para a Universidade Federal do Pará, onde fica o IFNOPA. Lá encontrou o maior intelectual no assunto o doutor João de Jesus Paes Loureiro, que logo, depois de ouvir sua história respondeu tratar-se “o “encantado” de um ser mitológico que mora no fundo das águas do rio e que submerge de seu fundo”.

Madame Zoraide

Marcus Demóstenes tomou a mais nobre decisão de sua vida. Depois de ter lido a maioria dos cânones da Literatura Brasileira, do “boca do inferno”, passando pela leitura de Marília de Dirceu, deleitando-se com o romantismo de Gonçalves Dias, até chegar na leitura de Machado de Assis, escritor que o encantou. Estava na idade da razão, quando leu “A Ressurreição”, obra que iria marcar sua vida.

Na faculdade de psicologia leu “para viver um grande amor”, texto de Vinícius de Moraes, responsável em colocar o ponto final em seu princípio, que consistia em ser um homem de uma só mulher. Respondia a todos que o indagavam:- por que não tinha namorada?, ser de muitas mulheres não ter nenhum valor. E para os que o chamavam de homossexual, respondia:

- Conheça-me primeiro, fará juízo seguro.

Sempre lembrava-se do livro de Machado, as jovens mandavam-lhe correspondência amorosas, declarações como as cantigas de amor medieval, ele compreendia que elas confundiam sua nobreza, sua doçura e suas boas intenções com sua libido sexual. Seu encanto para com elas era tamanho que poderia assumir uma postura de Dom Juan. Mas não, o fez, o personagem de Machado tinha lhe ensinado: “não adiantava ter todas e nem uma”, teria uma vida vazia. Preferia acreditar existir dentre todas uma que seria sua senhora por todo sempre.

Sua vida a partir dessa decisão de ser um homem de uma só mulher passou a ser dividida pelas mulheres que o tentavam provocando mesmo o seu ego e seus colegas que zombavam de seu princípio, mesmo assim procurava apesar de jamais encontrar. Seus amigos não compreendiam sua postura, mas Marcus sabia que ela estava em algum lugar. Certo dia veio à sua memória as indagações: O que fazer? Como deveria fazer? Onde a encontraria?

Esse questionar para si começou a ser frequente chegando a perturbar sua consciência. Toda a psicologia que estudara na faculdade não estava adiantando. Tomou a decisão de contar para uma amiga sua sina, seu princípio e as perguntas que passaram a perturbar sua consciência. Ela o orientou que não se tratava de um princípio, mas sim de uma premissa de seu eu para si mesmo e que deveria ir a uma cartomante. Um oráculo cabalístico para poder ser orientado melhor e assim garantir uma luz em seu caminho. Ela o explicou como via sua situação:

- Estas caminhando, meu amigo, as escuras e precisas dessas orientações, pois, assim sairás das trevas onde te encontras agora perdido sem horizonte de expectativa.

Ele não ficou convencido, acreditava ser sua ciência maior que qualquer misticismo, mas mesmo assim anotou o número telefônico, prometendo ligar.

Depois de uns dias, buscando sem encontrar, olhando sua agenda telefônica os números das moças que havia conhecido durante esses tempos, apareceu o telefone de Madame Zoraide como era chamada a senhora mística que viria a iluminar seu caminho. Pensou: “ vou ligar agora mesmo”.

-Olá, boa tarde. Gostaria de falar com Madame Zoraide.

-É ela, sobre o que se trata?

-Fui orientado a ir com a senhora, pois teria respostas para minhas dúvidas.

-Sim, posso ajudar. Meu endereço é Rua dos Tamoios, Vila Cinco irmãos, casa 03.

Anotou o endereço, o dia e a hora de sua consulta. O enamorado que até então era de todas e de nem uma, apresentou-se na hora e no local marcado. Foi confiante, e nem pensava em duvidar de uma palavra se quer do oráculo. Já havia sido orientado por uma pessoa de confiança, isso bastava.

A consulta durou cerca de uma hora. A análise do “livro de páginas soltas”, como Madame Zoraide chamava sua ferramenta de trabalho, deu-lhe uma orientação para o futuro a suas perguntas: O que fazer? Como deveria fazer? Onde a encontraria?

Esses questionamentos levaram a uma leitura do tarô por Madame Zoraide de seu futuro, assim, disse ela:

-Segue um caminho até encontrar-te numa encruzilhada, perguntar-te-á qual caminho seguir, o da direita ou o da esquerda, perguntarás para um velho e ele te dirá o melhor caminho a seguir.

Dizendo mais:

– Quando ofereceres teu dinheiro, acharás que está duvidando de sua palavra e de sua boa fé, esse senhor recusará teu dinheiro e acrescentará, quando voltares eu estarei aqui, lembre de mim.

Saiu da consulta e seguiu seu caminho a procurar sem nunca encontrar. Passaram-se dias, meses e anos e nada. Foi quando num repente tudo se revelou, estava andando quando uma moça jovem e bonita luziu em sua frente. Parada olhou-o de ponta a cabeça e perguntou qual caminho deveria tomar para chegar até Almeirim. Então viu-se numa encruzilhada, olhou para a direita olhou para e a esquerda. Ficou embaraçado, entretanto conseguiu em sobressaltos falar:

– Por que está indo para lá?

A moça com emoção respondeu estar indo visitar sua mãe que estava muito doente e precisava de sua companhia. Marcus disse-lhe que deveria tomar o caminho da direita. A moça estendeu um dinheiro para lhe retribuir a ajuda. Ele não aceitou, mas deu-lhe seu telefone para que ligasse. No outro dia a morena de olhos d'água, que tinha luzido em sua frente, ligou e marcaram um encontro. Assim deu-se o princípio de uma relação amorosa que duraria por toda a vida.

Pássaro raro

O detetive Jonas Bond estava em seu escritório. Um lugar iluminado pela luz do abajur, sobre a escrivaninha de madeira. Ele olhava para a porta de vidro ofuscado. Quando num repente surge uma sombra e logo ouve as batidas na porta. Seu coração encheu-se de graça, seria mais um caso intrigante ou mais uma criança sumida. Abriu a porta e recepcionou a senhora alta bem vestida e elegante.

-Olá. -Bom dia, senhor Bond, estou certa?

-Sim ele mesmo, às suas ordens. Entre, por favor, e sente-se.

O detetive, vendo no semblante da Senhora sua preocupação, sentou-se do outro lado da mesa e fitou-a atentamente. Seu chapéu não o deixava ver seus olhos, mas sua fisionomia era de uma pessoa abatida e preocupada, disse ele:

-“Conte-me tudo não me esconda nada!”. - O que houve para trazê-la até aqui? Então ela respondeu:

- Senhor não sabe da chegada de um pássaro raro em nossa cidade?

Ele com ar de certeza respondeu:

-Sim, obviamente. Como poderia deixar de saber?

Ela continuou:

- Essa ave fora guardada no Zoológico sobre o cuidado de meu marido, chefe do departamento de segurança. Mas na manhã seguinte à sua chegada essa espécime rara sumiu. Ele, com ar de surpresa, perguntou:

-Alguma pista?

-Não, nenhuma. Estou aqui, pois me indicaram por isso. Ele encheu-se de orgulho e motivação, respondendo:

-Fique tranquila encontrarei tal ave e logo resolveremos esse aporreio, fique certa disso.

- Então tá. Disse ela já com ares de alívio. Indo embora deixando um crachá da segurança do Zoológico para ele ter acesso ao local, onde a ave tinha estava guardada.

Logo que a Madame saiu. Bond ficou a fitar seu amuleto da sorte, um muiraquitã, peça de extrema beleza de origem amazônica. Nesse momento divagou nas hipóteses. Primeira hipótese seria de a ave ter conseguido escapar por descuido dos funcionários ou esse lindo animal silvestre, teria sido capturado por uma equipe de cientistas que clonariam a espécime, ou mesmo teria sido resgatado pela equipe do Greenpeace numa empreitada para libertar a ave em seu habitat natural, e por último a ave teria sido lograda por traficantes internacionais de aves.

No entanto, ficou com essas hipóteses martelando sua cabeça durante o resto do dia. Na manhã seguinte foi ao local. Conversando o recepcionista que lhe informou ter naquela noite dado entrada uma pessoa, disse ele:

-Um senhor com jeito de intelectual identificando-se como Jaime, que vinha deixar uma encomenda para o Pedro, coordenador técnico de informática que trabalha pela madrugada nos computadores do Zoo.

Esse funcionário da recepção tinha um aspecto cansado, talvez por estar virando o serviço. Mas teve a lembrança de dizer que o visitante daquela noite trazia uma maleta grande que disse ser suas ferramentas. O detetive pensou em conversar com esse funcionário nessa madrugada. Continuou sua investigação, indo até o local. Perguntou-se o que o sistema interno de segurança, conhecido como “panoptismo”, o mais moderno da cidade, teria registrado naquela noite.

O detetive foi ao departamento do “panoptismo”, conversou com o gerente do sistema, que lhe informou que “naquela noite o sistema estava em reparos”. Era a rotina da manutenção, de duas horas, em que todo o sistema ficava desligado. Notou o gerente, que a data e hora dessa manutenção, no “olho que tudo vê”, eram estritamente confidencial e justo naquela noite fora essa data. Assim não tinha como lhe fornecer nenhuma informação satisfatória sobre o ocorrido.

Nesse momento entendeu o porquê de ter sido requisitado para esse serviço. Ele um mero detetive tradicional, tendo que corrigir a falha de um sistema, mais moderno e seguro do mundo. Assim, surgiu-lhe uma nova hipótese de ter uma empresa concorrente feito tal coisa, com o objetivo de desmerecer seu concorrente. Bond saiu do Zoo e foi para sua casa conferir e esperar a hora para poder voltar àquele local e conversar com o técnico de informática. Chegada a hora, estava de volta ao local do incidente conversando com o técnico que nada soube explicar sobre tal sujeito ao qual se

referia, pois naquela noite tinha feito a manutenção externa do prédio. Isso intrigou o detetive, que voltou à sala e fez uma busca no lixo, encontrando algumas embalagens de produtos farmacológicos, tomou nota dos nomes e pesquisou na internet descobrindo serem produtos utilizados em cirurgia. Assim ficou claro que a hipótese dos cientistas estava certa, porém não precisaram levar o animal, fazendo a coleta de material ali mesmo.

No dia seguinte, quando ia para o escritório passou na banca de revista e comprou o jornal do dia. Em meio a matérias encontrou uma nota de repúdio do Greenpeace sobre o assunto. Resolveu desviar caminho e ir visitar um amigo que sabia das novidades do mercado negro de animais silvestres. Não teve maiores resultados o que lhe intrigou bastante. No entanto, seu amigo sugeriu que ele falasse com o responsável da alimentação da ave. Aquela era realmente uma boa ideia, pois num descuido do funcionário a ave poderia ter batido asas e voado. Pelo terceiro dia voltou ao local onde o pássaro tinha sido visto pela última vez.

No local encontrou seu Armando que disse apenas que não alimentava pássaros durante a noite. Agora a curiosidade tinha tomado sua consciência e um questionamento lhe viera à mente: “Que espécime de pássaro seria aquela?” Foi conversar no próprio Zoo, com um especialista que lhe explicou se tratar do Uirapuru. Um pássaro raro, do Norte do Brasil, possuidor de um canto que de tão belo enfeitiçava e apaixonava as donzelas, fazia parte do folclore regional da Amazônia. Dizem que é um pássaro que pode virar homem.

O detetive descartou no mesmo instante essa hipótese. Acabado o dia foi para sua residência ficando a pensar, refletia sobre esse imaginário, delirava vendo um pássaro virando homem dentro de uma gaiola e saindo depois pela porta da frente completamente nu sem ninguém perceber, era inacreditável.

Num repente lembrou que uma jovem moça estava a lhe espreitar, quando em seu segundo dia de investigação no local, lhe observando e nos outros dias também. Teria sido ela encantada pelo Uirapuru? No outro dia, ligou para sua contratante e marcou de encontrarem-se no Zoológico às três horas da tarde, pois sabia onde e com quem o pássaro estava. Passaram-se as horas até o momento exato. Encontrou com a Madame no Zoo, onde ele a convidou para andar pelos caminhos do parque, pararam em frente de uma estátua quando a fitou dizendo:

- Quem fortis que levou o Uirapuru. E por quê? Ela assombrada sem entender, respondeu:

- Como soube?

-Onde está escondido o pássaro, heim? Diga!

-Em minha casa.

Nesse momento saiu detrás da escultura o oficial de policia dando-lhe voz de prisão. Ela tomou um susto e nem hesitou em fugir, entregando-se. O oficial disse:

-Conte-me como soube que foi ela.

- Elementar meu caro. Essa senhora é a Madame Zara dona deste Zoo. Saiba que essa senhora esteve no Brasil recentemente, e que com certeza esteve a visitar a Amazônia, onde deve ter ouvido o canto desse ilustre pássaro que a encantou. Ela, na ganância de tê-lo para si, trouxe-o para cá a custo de empréstimo, porém planejou tal sumiço para não o devolver no final do contrato. Entendes?

]]

Um Anjo

Conta a lenda do anjo que resolveu ir ao subsolo da metrópole para ver a cobra de ferro que transportava centenas de pessoas ao mesmo tempo em seu bojo. Tinha acabado de acompanhar um casal com destino ao Museu da Língua Portuguesa, depois passando pela escadaria que dava acesso ao metrô não resistiu a descer. Estando ele no subsolo da metrópole foi andando e atravessou o obstáculo da roleta, quando na plataforma começou a ouvir um zunido que vinha da escuridão do túnel. O som aumentava conforme ela se aproximava. Subitamente viu os dois olhos da dita vindo da escuridão do túnel em sua direção. Demorou segundos, estava na sua frente. O susto foi tamanho exclamou: -É uma minhoca! É uma minhoca! Parou em sua frente e as portas se abriram, viu as pessoas entrando e outras saindo, deixou-se levar para dentro. Fecharam-se as portas e a minhoca começou a se movimentar, mergulhando no túnel. Nesse momento lembrou-se de quando o dito cujo fora expulso do céu, mandado por Deus para o Mundo. Saiu entonando um som dolorido, parecia-lhe o que começava a ouvir no interior da minhoca.

Antes de chegar o final do túnel uma voz anunciou “saída pela esquerda”, olhou para os lados, pensava ter só ele ouvido, seria o senhor chamando sua atenção, imediatamente pôs-se de joelho e começou a pedir:

-Perdão! Perdão!

Depois de minutos, a minhoca saiu do túnel e começou a parar, depois de parar abriram-se as portas e começaram as pessoas a descer na estação. Foi quando pôe-se de pé, exclamando:

-Obrigado! Obrigado, meu pai!

Logo que saiu da minhoca caminhou até as escadarias subindo-a, saindo no meio da avenida Paulista, onde encontra-se o centro financeiro do país, onde centenas de pessoas transitavam frenéticas em busca de um sonho.

Entrou no fluxo dos transeuntes em atropelo, quando de repente entrou num turbilhão que o fez rodopiar, prosseguindo com dificuldade olhou tratava-se de um círculo, no centro o porquê um senhor de bastante idade a caminhar vagarosamente um passo após o outro, com sua bengala a frente, tá...tá...tá..., vestia-se com uma elegância nobre, lindo, que senhor lindo no meio dos transeuntes

frenéticos que passavam a mil pelo seu lado, zummmmm..., sem tocá-lo, viu nesse momento um anjo.